
Mídias na educação: um relato de experiência sobre a educomunicação e a prática extensionista no Rio Grande do Norte¹

Leônidas Teixeira de CARVALHO NETO²

Rebeca SOUZA³

Janaine Sibelle Freires AIRES⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

A educação enfrenta diferentes desafios na contemporaneidade. Além da conjuntura econômica e política, a facilidade de acesso às tecnologias da comunicação como o celular tem implicado em mudanças comportamentais que refletem no cotidiano das escolas. Este artigo busca relatar a experiência do projeto *Mídias na Educação* desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte na Escola Estadual Edgar Barbosa entre maio e dezembro de 2019. Nosso objetivo é apresentar, a partir do relato de experiência do projeto, a importância da educomunicação para intervir neste cenário e fomentar uma formação crítica e habilidades técnicas e atitudinais.

Palavras-chave

Educomunicação; Mídias; Natal; Ensino médio.

Introdução

O processo de globalização modifica o mundo todos os dias e altera os ecossistemas em que vivemos. O ecossistema educativo, por sua vez, passa por mudanças simbólicas e profundas, nas quais as práticas que foram adotadas tradicionalmente não conquistam os resultados esperados. Como consequência desse descompasso é possível apontar os baixos números da educação brasileira no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), taxas significativas de evasão escolar e

¹ Trabalho apresentado na IJ07 - Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior - XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduando em Comunicação Social - Audiovisual pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista do Projeto de Extensão “Mídias na Educação: a educação do olhar, o audiovisual e a cultura digital em escolas públicas”. Integra o EPA! – Grupo de Pesquisa em Economia Política do Audiovisual. E-mail: carvalholeo@ufrn.edu.br

³ Graduanda em Comunicação Social - Audiovisual pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Voluntária do Projeto de Extensão “Mídias na Educação: a educação do olhar, o audiovisual e a cultura digital em escolas públicas”. Integra o EPA! – Grupo de Pesquisa em Economia Política do Audiovisual. E-mail: rebecasouza303@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Coordenadora do Projeto de Extensão “Mídias na Educação: a educação do olhar, o audiovisual e a cultura digital em escolas públicas”. Líder do EPA! – Grupo de Pesquisa em Economia Política do Audiovisual. E-mail: janaineaires@gmail.com

desinteresse pelo ambiente de aprendizado. Há flagrante ruído entre os componentes curriculares, os modos de funcionamento da escola e os jovens do século XXI.

Essa ausência de sintonia tem sido objeto de debate público e desponta como um dos principais desafios para a educação na atualidade. Considerando os diferentes contextos socioeconômicos e geopolíticos e compreendendo a escola como um dispositivo complexo destinado à formação cidadã e à difusão de habilidades, Paula Sibília (2012) argumenta que os diferentes episódios de violência contra professores e alunos e os altos índices de evasão escolar anunciam uma crise na educação.

Para a autora, estes episódios indicam também certa obsolescência da escola moderna: “essa aparelhagem vai se tornando incompatível com os corpos e com as subjetividades das crianças de hoje. A escola seria então uma máquina antiquada” (Sibília, 2012, p. 13). Uma área específica da comunicação que tem se dedicado a estudar e intervir nesta problemática é a educomunicação.

Este artigo apresenta um relato de experiência do projeto “Mídias na Educação: a educação do olhar, o audiovisual e a cultura digital em escolas públicas” desenvolvido entre maio e dezembro de 2019 na Escola Estadual e Centro de Treinamento Edgar Barbosa, que conta com aproximadamente 900 estudantes matriculados.

O projeto desenvolveu ações a partir de três eixos: 1) a comunicação e a educação como direitos – que visa desenvolver a percepção sobre a importância da comunicação e da educação para o exercício da cidadania e da ética; 2) Formação de público para o cinema e a leitura e produção crítica de imagens e da mídia; 3) Desenvolvimento de habilidades e de técnicas como oralidade, escrita, performance, atividades em equipe e o domínio da linguagem.

Neste trabalho buscamos realizar uma análise de bibliografia sobre o campo da educomunicação - ou mídia-educação - no Brasil. Na sequência, apresentamos um relato de nossa experiência na escola a partir do desenvolvimento de três oficinas, a saber: Audiovisual, Rádio/Podcast e Narrativas Criativas. Por fim, constatar quais os desafios para a consolidação da área e de projetos.

A comunicação na descentralização dos saberes

Os estudos com práticas que envolvam comunicação e educação começam a surgir a partir da década de 1960 e já possuíram diversos nomes para a área, como

pedagogia da comunicação, educação midiática, literacia digital e educomunicação, que se constitui hoje como um campo de estudos e de intervenção social, consolidado como área de atuação da Comunicação Social através de duas graduações sendo uma oferecida pela Universidade de São Paulo (USP) e outra pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). O Brasil busca inserir tal área na Lei de Diretrizes Básicas da Educação, reconhecendo as práticas que envolvam a comunicação dentro da educação e as incentivando. É crescente o interesse acadêmico, e até de setores governamentais e da sociedade civil dirigido ao melhor entendimento dos vínculos entre comunicação e educação. (CITELLI; SOARES; LOPES, 2019, p. 13).

As mídias possuem um papel difusor de conhecimento e de informação na sociedade e são responsáveis pela propagação da deturpação da informação através de *deep fake* ou *fake news*, bem como propagação do ódio e a superexposição de seus usuários. Pesquisa do Comitê Britânico sobre Sistemas de Informação (ROWLANDS et al, 2007) indica que, apesar da intensa relação com a internet e especialmente as redes sociais, a atual geração não apresenta uma maior capacidade de crítica na busca, na absorção ou na avaliação das informações no que diz respeito à relevância, à acuidade ou à autoridade de dados.

As relações entre mídia e educação são centrais para o enfrentamento dos desafios contemporâneos, especialmente se considerarmos a diversidade de usos e de vínculos estabelecidos. Há estereótipos de uso que obscurecem o entendimento sobre o real impacto dos meios de comunicação na juventude. Na educação, as mídias podem agir de diferentes formas: afastando mais ainda os estudantes do ambiente escolar e dos objetivos que os projetos educacionais das instituições apresentam ou podem também auxiliar as mudanças de propostas pedagógicas que facilitem o aprendizado e mantenham os alunos interessados nas dinâmicas desenvolvidas dentro de sala de aula e fora dela. Entender o funcionamento, promover o uso qualitativo, a compreensão crítica sobre o poder algorítmico é um papel educativo inescapável, especialmente quando consideramos que as atividades econômicas, sociais, políticas e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela internet e em torno dela.

Embora seja notável a necessidade de instituições de ensino incorporarem aos seus currículos práticas e dinâmicas de comunicação para garantir maior envolvimento

dos estudantes, ainda vemos dificuldade por parte das instituições em capacitar docentes para adotar ações e atividades educacionais em suas disciplinas.

De acordo com Martín Barbero (2000, p. 123), o modelo predominante é vertical, autoritário na relação professor-aluno e linearmente sequencial no aprendizado. O que o autor sugere é que haja uma mudança na estrutura do modelo educacional para um modelo horizontal, em que há maior participação dos protagonistas no canal professor-aluno e a transmissão de conhecimento é mais eficaz. Além disso, um modelo horizontal de ensino pode promover um maior desenvolvimento da cidadania dos alunos, bem como um aprofundamento do senso crítico de seu papel social.

Um dos principais aprendizados do projeto que relatamos aqui foi compreender que o papel da comunicação dentro da educação deve ser pensado a partir de ações e dos materiais que temos ao nosso alcance. Segundo Márques e Talarico (2016, p. 423), “a educomunicação está relacionada ao diálogo, ao irrestrito direito à voz e ao respeito à diversidade”. Entender as particularidades de cada indivíduo inserido em um contexto de educomunicação é fundamental para que qualquer projeto seja bem sucedido no espaço.

Respeitar os limites, as diferenças entre os indivíduos é o que inicia o exercício de cidadania e permite que todos se sintam bem-vindos no ambiente para que qualquer atividade seja duradoura. A Educomunicação tem em suas raízes na Comunicação popular, cujo conhecimento se faz importante para a compreensão das transformações que vem passando a proposta educacional. (MÁRQUES & TALARICO, 2016, p. 424).

O uso de recursos alternativos para ações de educomunicação fazem com que surja um interesse dos que estão inseridos na atividade, gerando maior participação e fazendo com que haja um desenvolvimento cidadão. Dentre as faces das atividades educacionais, as que são realizadas tendo as mídias como ferramentas principais são as que possuem mais potencial. Se as mídias têm um potencial de moldar as rotinas infantis e jovens e influenciar os mesmos, que ela seja aliada em processos educativos para que haja um desenvolvimento da atividade cidadã e democrática dentro das instituições que estão presentes. A mídia-educação é parte essencial dos processos de socialização das novas gerações, mas não apenas, pois deve incluir também populações

adultas, numa concepção de educação ao longo da vida. (BÉLVORT & BELLONI, 2009, p. 1083).

Educar não somente as gerações que estão frequentando espaços de educação e recebendo o conhecimento - ainda em um modelo vertical, conforme destacado por Martín-Barbero - mas também as adultas, como a de professores e familiares de alunos. Esta estratégia parte do princípio que educação não é fornecida, absorvida e debatida em uma temporalidade específica, mas como componente fundamental no desenvolvimento do cidadão e da democracia.

Quanto a questão do diálogo dentro do contexto de educomunicação, precisamos analisar a estrutura adotada em sala de aula, pois, de acordo com Citelli, Soares e Lopes (2009, p. 16), “[...] questões trazidas à luz pelos educadores nos últimos anos diz respeito ao fato de a palavra estar centralizada no professor, ficando o aluno na condição de expectante.”. Diante do professor que sabe recitar muito bem sua lição, hoje, senta-se um alunado que, por osmose com o meio ambiente comunicativo, está embebido de outras linguagens, saberes e escrituras que circulam pela sociedade. (MARTÍN BARBERO, 2000, p. 126).

A descentralização dos saberes provocada pela presença de outras linguagens e saberes que as mídias e os aparatos tecnológicos fornecem para os estudantes, como propõe Martín Barbero, “resulta no endurecimento da disciplina do colégio para controlar esses jovens, cada vez mais frívolos e desrespeitosos com o sistema sagrado do saber escolar.” (MARTÍN BARBERO, 2000, p. 127). Daí talvez se reafirme a necessidade de adaptar a forma de transmitir e trocar conhecimentos na relação professor-aluno através das linguagens e do diálogo. É a linguagem adaptada somada ao diálogo que permite o real aprendizado de valores sociais e políticos para o enfrentamento das diferenças e do preconceito.

Educomunicação como instrumento de extensão universitária

É nesse sentido particular de enfrentamento aos desafios contemporâneos que a Educomunicação se reafirma como potência. Fonte de interesse acadêmico, a área é central para compreender o impacto e a influência da comunicação dentro da educação. O projeto “Mídias na Educação” surgiu na Universidade Federal de Campina Grande a partir da graduação em Educomunicação, uma das universidades pioneiras na oferta da

área como bacharelado, onde foi implantado em maio de 2018 como uma programa de extensão desenvolvido na cidade de Belém na Paraíba.

Em 2019, o devido projeto foi implantado também na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sendo desenvolvido pelo Departamento de Comunicação Social. Buscando desenvolver o maior exercício de cidadania e democracia dentro do ambiente escolar, o projeto, como já citamos, desenvolveu ações organizadas em três oficinas - audiovisual, rádio escolar e narrativas criativas – ao longo de 2019.

A extensão universitária proporciona para a educação pública e para os componentes de tal organismo experiências centrais para a formação universitária e especialmente para o aprimoramento do diálogo com a sociedade. Esta dinâmica, no entanto, é repleta de desafios como aponta Paulo Freire (2013), muitas vezes “o objetivo fundamental do extensionista, no trabalho de extensão, é tentar fazer com que aqueles substituam seus “conhecimentos”, associados à sua ação sobre a realidade, por outros.” (FREIRE, 2013, p. 15). Isto é, o integrante de um projeto extensionista tende a usar a mesma linguagem e ensinamentos que aprende na academia e eventualmente ele busca substituir os conhecimentos do espaço em que a extensão se desenvolve por seus conhecimentos acadêmicos.

Estruturada dessa forma a dinâmica se equivoca, visto que a extensão demanda adaptação da linguagem para uma nova realidade. Quebrar os limites da academia formal e sem linguagem popular é necessário, mas demanda prudência dos extensionistas, de modo que a mudança não seja abrupta no ambiente e não cause distanciamento do público-alvo do projeto.

Em um projeto extensionista que tenha a educomunicação como foco e principalmente com adolescentes, o cuidado precisa ser maior: é preciso compreender antes de tudo que todos eles são diferentes e possuem suas particularidades, mas existem pontos e momentos de suas rotinas que os ligam e os unem em prol de uma devida ação ou atividade. Tufte e Christensen (2009) dizem que existe uma discrepância entre o currículo escolar e o uso das mídias. Isso ocorre devido a falta de atenção para o auxílio das mídias no ambiente escolar. Os autores enfatizam: “diferentes gerações desenvolveram diferentes habilidades e competências.” (TUFTE & CHRISTENSEN, 2009, p. 100.). O choque que há entre o aprendizado de distintas gerações inseridas no contexto escolar pode ser solucionado, sem conflitos, por meio do diálogo e de uma

estrutura que permita que o ensino parta do elo do modelo vertical de ensino que não se espera a transmissão de saberes.

Além disso, compreender que todos eles são distintos no meio permite que as metodologias utilizadas no projeto sejam das mais variadas, para que eles se sintam libertos e com isso, ensinem ao mesmo tempo em que aprendem, pois, como aponta Freire, “[...] educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem”. (FREIRE, 2013, p. 16).

A troca de conhecimentos entre os que integram a prática extensionista é valorosa, não só no sentido academia-sociedade, mas também no sentido inverso. Permitir que a inclusão de instrumentos e ferramentas para as atividades que não eram conhecidos antes do campo ocorra, acaba gerando uma troca de aprendizado especialmente por conta do diálogo.

Ao inserir mídias no contexto, são criados meios e novas metodologias de aplicar e executar as atividades a partir do contato do que os integrantes vivenciam em diversos pontos. Como os estudantes atendidos pelo projeto relatado tinham faixa etária entre 14 e 17 anos, o uso de aplicativos virais e de fácil acesso era massivo. Esta característica é descrita também como um processo que precisa ser observado nas estratégias e dinâmicas da escola contemporânea, uma vez que:

A mediadosção que atravessa as classes, grupos, gêneros, idades, etnias, a despeito das particularidades de cada segmento e as eventuais divergências entre eles, assim como a maneira de os meios de comunicação representá-los carrega consigo discursos, mensagens, arranjos de signos dos quais fica difícil manter equidistância. [...] (CITELLI; SOARES; LOPES; 2019, p. 21).

Os autores afirmam que o processo de mediadosção em um ambiente educativo irá sempre atravessar por diversos discursos e aspectos singulares que compõem as particularidades de indivíduo já mencionadas anteriormente. O uso de mídias distintas acarreta discursos diferentes a partir das propostas de cada mídia e dos instrumentos em que essa mídia se encontra. Cada mídia e cada suporte possui um fim específico e uma dinâmica única, pronta para atrair os usuários. Com os jovens, os fins e as dinâmicas são mais simples, buscando absorver e fidelizar a audiência e os corpos. Além de tudo isso que é abordado apenas pelo uso das mídias de forma inicial, ainda podemos citar as relações com cultura que são diversas e que ajudam a moldar o elo que os usuários possuem com as redes e a forma com que eles as utilizam. Bem como auxiliar os

estudantes no processo de aprendizagem, a educomunicação através da prática de extensão, pode auxiliar professores a remodelar o sistema educacional e a forma de transmissão de conhecimento, apelando para a produção de materiais mais duradouros para o conhecimento e que sejam mais dinâmicos para um letramento digital coletivo, exercitando a criatividade, a cidadania e o espírito democrático de quem está envolto ao ambiente escolar. “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” (FREIRE, 2013, p. 59).

Entendemos então que a educomunicação é fundamental para mudar o sistema educacional vertical que fomos condicionados por séculos e que nunca houve muita dedicação para mudá-lo e o direcionado para um formato mais horizontal, permitindo que haja um processo de aprendizagem libertador e um encontro de conhecimentos múltiplos. Com isso, podemos ter um modelo de educação mais incisivo no combate à discriminação e na melhor e maior promoção do exercício da democracia e da cidadania.

Relato de experiência: o encontro da teoria com prática

No projeto “Mídias na Educação”, muito se aprendeu sobre novos aplicativos e novas ferramentas para executar as atividades das oficinas, que possuíam operações em eixos distintos. As ações foram desenvolvidas em módulos e as oficinas foram realizadas concomitantemente. De tal forma, apesar de livre, os estudantes só poderiam se matricular em uma oficina e acompanhá-la durante todo o ano. Estas medidas foram necessárias para facilitar a mobilização e a coordenação da equipe deicineiros, bem como para melhor administração da escola. As datas foram definidas pela escola considerando a agenda geral de eventos das turmas atendidas.

A equipe foi coordenada pelos professores Janaine Aires, Livia Cirne, Miriam Moema e Ruy Rocha do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e pela coordenadora Izabel Nunes da escola Edgar Barbosa. Como icineiros atuaram em todos os módulos os estudantes Leônidas Carvalho, Rebeca Souza e Débora Mendes e também foram icineiros em diferentes módulos os estudantes Sandra Avelino, Juliana Almeida, Denis Vitor, Igor Ribeiro, Francisco Junior e Elderlane Ribeiro.

A escola adota estratégias de organização que fomentam a autonomia dos estudantes, uma delas é a liderança de turma composta por dois estudantes eleitos. Por isso, a estratégia inicialmente adotada foi desenvolver uma atividade com os líderes das turmas do turno da tarde na escola. Estes líderes ficaram responsáveis por mobilizar os demais estudantes e as inscrições nas atividades que seriam desenvolvidas. Esta estratégia teve um efeito adverso, pois identificamos que em virtude das vagas limitadas, os líderes não repassaram as informações para outros estudantes da escola até que garantissem as suas vagas (Figura 01). Assim, tivemos de ampliar o prazo de inscrições e um de nossos oficinairos foi até a escola com o intuito de mobilizar os estudantes.

Figura 01 – Cartaz de prorrogação das inscrições e atividade de apresentação do projeto para líderes



Fonte: Cartaz – Arquivo e Foto - Denis Vitor.

A maior parte dos líderes seguiram, no entanto, frequentando as atividades do projeto até a finalização dos módulos. Este aspecto sob nosso ponto de vista é positivo, pois estes estudantes desempenham papel importante no desenvolvimento das atividades da escola e são multiplicadores das ações. Ao todo tivemos 20 inscrições na oficina de Audiovisual, 8 em Rádio Escolar e 7 em Narrativas Criativas. Ao longo do projeto, outros estudantes se vincularam às ações.

Para o desenvolvimento do primeiro módulo, elaboramos também um termo de autorização de imagem para que pudéssemos desenvolver as atividades com segurança e com o consentimento dos responsáveis pelos estudantes. As oficinas foram iniciadas com uma atividade sobre Direitos Autorais, em que trabalhamos questões importantes

da lei e da criação de conteúdo no contexto digital. Para o desenvolvimento das atividades, foram realizadas reuniões de articulação e avaliação entre docentes coordenadores, docentes da instituição atendida, discentes oficinairos e representantes estudantis.

Uma dificuldade evidente foi que, neste primeiro ano de aplicação nesta escola, as ações foram desenvolvidas no mesmo turno de aulas dos estudantes matriculados, o que gerou evasão em alguns módulos já que os horários coincidiam com outras atividades obrigatórias. Além disso, os intervalos entre os encontros colaboraram com a evasão de alguns estudantes.

Diante destas circunstâncias optamos por criar grupos de *Whatsapp* com o propósito de manter o vínculo entre os módulos e mobilizar atividades desenvolvidas. Já no que refere a manutenção da unidade das ações buscamos desenvolver atividades coletivas entre as equipes das oficinas e momentos de avaliação conjunta para reorganizar as ações. Dessa forma, todas as oficinas seguiram o mesmo cronograma de encontros, mas desenvolveram temáticas distintas. As temáticas planejadas por cada oficina foram organizadas do seguinte modo (tabela 01):

TABELA 01 – CRONOGRAMA DAS OFICINAS DO MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

MÓDULO	AUDIOVISUAL	RÁDIO ESCOLAR	NARRATIVAS CRIATIVAS
1	FOTOGRAFIA NO CELULAR E NA CÂMERA FOTOGRÁFICA	POR DENTRO DO RÁDIO	QUE TEXTO É ESSE AI? CONHECENDO OS GÊNEROS TEXTUAIS
2	LINGUAGEM AUDIOVISUAL	QUASE LÁ... FALTAM OS PROGRAMAS!	PALAVRA POR PALAVRA: CRIANDO MEU TEXTO
3	CURTA METRAGEM	MÃO NA MASSA E NO AR!	PLAY NO TEXTO: DO PAPEL PARA O VÍDEO
4	EDIÇÃO DE VÍDEO	CONVERGÊNCIA E COMPARTILHAR	VAMOS ESPALHAR!

Fonte: Elaboração própria.

As oficinas foram planejadas para a criação de um produto final, no caso da oficina de audiovisual um curta metragem – roteirizado, produzido e realizado através do celular dos próprios alunos; na oficina de rádio escolar, um programa de rádio; e na oficina de Narrativas Criativas, vídeos biográficos dos estudantes. Além disso, as oficinas buscaram fomentar o uso dos próprios equipamentos da escola e dos estudantes. Imaginamos que desta forma deixaríamos uma semente, em que a barreira

imposta pelo acesso tecnológico poderia ao menos simbolicamente ser rompida e que mesmo sem equipamentos caros e profissionais é possível produzir e comunicar.

Os estudantes vinculados a oficina de Rádio Escolar produziam *podcasts* com os conhecimentos adquiridos dentro de sala de aula e com orientação dos monitores, como aponta Márques e Talarico (2016, p. 438) “o educador pode atuar junto aos alunos, ensinando-os a utilizar as mídias para além do entretenimento”. Os estudantes foram ambientados na linguagem sonora, na roteirização para rádio e como desenvolver os conteúdos nos temas debatidos nas matérias estudadas. A oficina produziu episódios do programa “AsQuinzeEVinte”, em alusão ao horário do intervalo das turmas. A oficina Narrativas Criativas foi desenvolvida até o segundo módulo entre os estudantes matriculados e a partir do terceiro módulo em virtude de reformulações na equipe de oficinairos foi somada a oficina de Audiovisual, já que as propostas nesta fase coincidiam.

O processo metodológico das oficinas se dava por meio de planos de aulas planejados pelos monitores e feitos para total compreensão com linguagem voltada para o público alvo do projeto que não possuem familiaridades com a linguagem aplicada na universidade. Durante as aulas, os monitores desenvolvem um elo com os estudantes para melhor transmissão do conteúdo das oficinas e com isso, melhor produção das atividades. Em um ambiente descontraído em relação às salas de aula, os alunos puderam vivenciar oficinas com músicas, exibição de fotografias e curtas-metragens, além de construir seus produtos finais por meio de suas vivências e de aprendizados adquiridos na escola.

Figura 02 – Estudantes elaborando o roteiro do programa “AsQuinzeEVinte” e gravando um episódio no laboratório de rádio da universidade





Fonte: Arquivo do projeto.

A preferência das oficinas era com exercícios mais práticos, dado que partes mais teóricas acabavam por dispersar os alunos durante os períodos juntos ou os afastavam do projeto. Das oficinas realizadas, realizamos a produção escrita de várias tipologias textuais na oficina “Narrativas Criativas”, um curta-metragem na oficina de Audiovisual e um podcast nomeado “Às Quinze e Vinte” (Figura 02), com o intuito de ser exibido às 15h20, horário de intervalo dos alunos da escola, com temas escolhidos a partir de temáticas abordadas nas matérias presentes da grade curricular.

Figura 03 – Estudantes da oficina de Audiovisual no módulo Fotografia



Fonte: Arquivo do projeto.

Para ter noção material e física sobre as oficinas e por questões burocráticas do projeto e da escola, foram realizadas listas de frequência passadas no início dos

encontros para analisar a assiduidade dos alunos. No decorrer dos meses, alguns estudantes foram se tornando ausentes por desinteresse ou por não conseguirem conciliar com a rotina. Apenas uma desistência formal fora anotada, sendo ocorrida na oficina de Rádio/Podcast.

Além disso, promovemos novas formas de produzir e de consumir comunicação caracterizadas, sobretudo, pela cultura de compartilhamento e de popularização da tecnologia. Do ponto de vista institucional, além dos benefícios gerados para a comunidade atendida, o projeto também teve papel importante na formação dosicineiros, especialmente no que se refere ao protagonismo e ao enfrentamento criativo de desafios técnicos e atitudinais, conforme destacamos no quadro 01 a seguir:

QUADRO 01 – AUTOAVALIAÇÃO DOS OFICINEIR@S

	AUDIOVISUAL	RÁDIO ESCOLAR
P O N T O S P O S I T I V O S	“As oficinas em geral foram bastante produtivas. Os alunos mostraram interesse e a escola disponibilizou todo tipo de material necessário. Em relação às oficinas em si, fomos aprendendo a cada módulo a melhor condução dos conteúdos. No início fomos bastante técnicos, esquecendo que estávamos falando com alunos de ensino médio e que não sabiam tantos conceitos sobre audiovisual. Mas com uma avaliação geral, soubemos reformular a metodologia e aplicar de forma mais eficiente e que trouxesse resultados mais duradouros.”	“De modo geral, não existiram tantos empecilhos para a realização das oficinas. Os dias em que elas ocorriam eram agendados por meio de diálogo da coordenação do projeto e da escola, buscando não atrapalhar o calendário da instituição e as aulas dos alunos. Em alguns dias, ocorria um breve choque durante a realização por ser um período próximo a provas ou aulas específicas de alguma disciplina.”
P O N T O S P O S I T I V O S	“A participação dos alunos foi razoável, pois apesar dos alunos mostrarem interesse, o fato das oficinas acontecerem simultaneamente com as aulas, prejudicou a participação. Na época de revisão final ou de matérias que os alunos julgavam importante, eles preferiram estar em sala de aula do que na nossa oficina. Para mim, isso foi bastante prejudicial dos dois lados. Os dias serem de mês em mês foi o pior ponto para a realização de uma continuidade do conteúdo. Os módulos se tornaram distantes e o relacionamento com os alunos foi prejudicado. Apesar da criação de um grupo nas redes sociais para tentar interagir melhor, o fato das oficinas terem um intervalo de um mês foi muito ruim.”	“Todas as oficinas ofertadas ocorreram com sucesso e foram dadas da forma que podíamos dar, buscando conforto e facilidade para o aprendizado dos alunos.”

Fonte: Elaboração própria.

Assim, entendemos que o projeto Mídias na Educação mesmo diante de diferentes falhas foi capaz de atender professores e estudantes da rede pública, fomentando o

protagonismo, o respeito às diferenças e a promoção da educação pública, gratuita e de qualidade através da difusão e da produção midiática.

Dentre as atividades desenvolvidas, organizamos uma visita técnica ao Departamento de Comunicação Social. Nesta atividade trabalhamos a importância da comunicação e as *Fake News* através de atividade integrativa entre as oficinas. Na ocasião, também desenvolvemos ações que demandavam o auxílio técnico dos laboratórios da Universidade. Os estudantes envolvidos então utilizaram o Estúdio de Televisão e de Rádio da instituição. Na ocasião também fizemos uma avaliação coletiva do projeto. Muitos estudantes falaram do desejo em chegar à Universidade e da importância das oficinas. A emoção de poder ter contribuído por um incentivo ao estudo e ao ingresso na universidade foi a melhor realização que eu pude ter com os alunos.

Conclusões

Pensar em educomunicação para além de um campo de estudo demonstra a preocupação com a educação e em formas viáveis de garantir um ensino efetivo no processo de aprendizagem e em formas de remodelar os sistemas de educação vigentes atualmente para um modelo educacional que proponha o debate e que nos forneça opções para um real processo de conscientização para o aprendizado.

Como aponta Paulo Freire o que o educador - em um modelo vertical de ensino - não tem direito é de impor suas opções e metodologias aos estudantes. Pensar na inserção de mídias em projetos de educomunicação mostra a necessidade destas mídias serem integradas ao currículo escolar, por estarem associadas de forma intrínseca à vida cotidiana. (TUFTE & CHRISTENSEN, 2009)

Desafiar a educação formal e secularizada é necessário para garantir que a educação realize a transposição de conhecimento do ambiente escolar para as ruas das cidades, visto que a educação é um processo natural da vida que precisa se adaptar às novas realidades e as novas narrativas. Dentro do ambiente escolar, desafiar essa educação formal e vertical requer dedicação e profunda análise das realidades de quem compõe o espaço.

Cada indivíduo porta sua história, narrativa, trajetória e cultura e cabe à educomunicação dar voz e luz ao maior número de narrativas dentro do ambiente escolar, prezando pela cidadania e redução de desigualdades. Como Márques e Talarico

(2016) mencionam, “a Educomunicação tende a ser desenvolvida com vistas à superação da consciência ingênua e ao aguçamento da consciência crítica.”. (MÁRQUES & TALARICO, 2016, p. 440). Por fim, práticas extensionistas envolvendo educomunicação ressaltam a necessidade das universidades públicas de se conectarem à sociedade como uma dimensão indissociável.

Referências bibliográficas

- BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. **Mídia-Educação: conceitos, história e perspectivas**. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Acesso em 15 jun 2020.
- CITELLI, A.; SOARES, I.; LOPES, M. **Educomunicação**. Comunicação & Educação, v. 24, n. 2, p. 12-25, 30 dez. 2019.
- DUARTE, Rosália; MILLIET, Joana; MIGLIORA, Rita. **Projetos e práticas de mídia-educação nas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro**. Educação e Pesquisa, v. 45, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2013.
- GÓMEZ, Guillermo Orozco. **Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI**. Comunicação & Educação, n. 23, p. 57-70, 2002.
- MÁRQUES, Fernanda Telles; TALARICO, Blueth Sabrina Lobo Uchôa. **Da comunicação popular à educomunicação: reflexões no campo da “educação como cultura”**. Atos de Pesquisa em Educação, v. 11, n. 2, p. 422-443, 2016.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Desafios culturais: da comunicação à educomunicação. Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- ROWLANDS, Ian; NICHOLAS, David; WILLIAMS, Peter Williams; HUNTINGTON, Pau; and FIELDHOUSE, Maggie. **The Google generation: the information behaviour of the researcher of the future**. Disponível em: Acessado em 28 de janeiro de 2020
- SIQUEIRA, Alexandra Bujokas de; CARVALHO, Liana Catarina da Silva. **Experiências de mídia-educação: estudando a fotografia no Ensino Médio**. Pro-Posições, v. 24, n. 3, p. 117-138, 2013.
- SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- TUFTE, Birgitte; CHRISTENSEN, Ole. **Mídia-Educação—entre a teoria e a prática**. Perspectiva, v. 27, n. 1, p. 97-118, 2009.